

O Período Tribal em Israel: Tribos, Juízes e Estruturas

Luciano R. Peterlevitz

Resumo

Depois da entrada do grupo de Moisés em Canaã, acelerou-se o dinamismo das tradições religiosas, motivando a insurreição de vários grupos contra o sistema Cidades-Estados desta terra, o que por sua vez, resultou na quebra na hegemonia do sistema social vigente em Canaã por volta de 1220 a 1050 a.C e na formação de novos setores na sociedade Palestina. Esses novos setores sociais encontraram sua expressão última nas tribos de Javé, na Palestina, e vigoraram em Israel até o surgimento da monarquia. Não houve nesse período tribal uma associação de doze tribos. Houve sim, uma descentralização do poder político, onde cada tribo agia independentemente (Jz 1), sendo que somente algumas delas uniam-se, eventualmente, em coalizões anticanaanéias (Jz 5), lideradas por juízes; que exerciam, em cada tribo separadamente, a função de governadores, onde a atividade jurídica seria um dos aspectos de sua função.

Palavras-Chave: Tribos, juízes, Israel, história.

Abstract

The tribal period of Israel: tribes, judges and structures

After the entrance of Mose's group in Canaan the dynamic of the religions traditions accelerated, motivating the revolt of several groups against the City-States system of the land. That, in its turn, resulted in the break down of Canaan's social system of the time (1220 to 1050 b.C) and the establishment of new social sectors in the Palestinian society these new social sectors, found their expression in the Jawe's tribes in Palestine and subsisted in Israel until the rise of the monarchy. In this tribal period, there was no association of the twelve tribes in Israel. Instead, there was a decentralization of the political power of each tribe and an independence of each one (Judges 01). In this way, only some of them, eventually, united in an anti-Canaan coalition (Judges 05), which was led by the judges, which were governors, and the juridical activity was their main function.

Key words: Palestine, Israel, tribal system, judges, history.

Introdução

O período tribal no Israel pré-estatal tem sido desenhado pela pesquisa bíblica como um momento de grandes convulsões sociais na Palestina, em que a entrada do grupo de Moisés nessa terra acelerou o dinamismo das tradições religiosas, motivando a insurreição de vários grupos contra o sistema Cidades-Estados de Canaã. Isso resultou na quebra na hegemonia do sistema social vigente em Canaã por volta de 1220 a 1050 a.C e na formação de novos setores na sociedade Palestina. Esses novos setores sociais encontraram sua expressão última na formação das tribos de Javé na Palestina e vigoraram em Israel até o surgimento da monarquia.

Tais tribos eram entidades independentes, que em ocasiões esporádicas uniam-se para algum evento bélico. Havia grandes unidades Israel, as chamadas “tribos”, mas se levantará a problemática para definir o período tribal como caracterizado por uma “liga” ou “anficionia” de doze tribos. Tal afirmação, que norteará a pesquisa apresentada aqui, não é uma premissa fechada. Estará sujeita a verificações e conclusões posteriores. Também se apresentará aqui um breve debate sobre a estrutura constituinte das chamadas “tribos”/“clãs”/ “famílias” em Israel no período que precedeu a monarquia. Tentaremos delinear essa questão.

Então, primeiro falaremos das tribos, enfocando a organização tribal em si. Olharemos para o modelo desenvolvido por Martin Noth e ao mesmo tempo suscitaremos as dificuldades de sua tese. Em seguida tentaremos descrever um pouco as tribos, passando depois para uma descrição dos juízes em Israel. Por fim, pensaremos rapidamente nas estruturas sociais das tribos de Israel.

As Tribos de Israel

A. O Modelo da Anficionia

Foi Martin Noth quem oficializou a tese de que o período tribal em Israel foi caracterizado pela estruturação de doze tribos, uma associação (“anficionia”) que se reunia em torno de um santuário comum, em analogia às anficionias gregas e ligas italianas¹. O problema para tal estruturação tribal é a questão de que as tribos de Israel pertencem a um ambiente cultural e étnico distinto das anficionias gregas. Além disso, é questionável se o número “doze”, referindo as tribos, era mesmo um registro histórico da existência de doze tribos, ou antes, era um registro sistemático do conjunto nacional e uma expressão de sua perfeição numérica².

Delinearemos agora, especificamente, os pontos da tese de Noth sobre a anficionia, e as dificuldades dessa tese.

a) O pacto antictiônico.

O pacto constituinte das anficionias, segundo a tese de Noth, havia se estabelecido em Siquém (Js 24). O problema aqui é que esse parece ser um pacto estabelecido no Norte; aqui é o grupo de Josué que propõe a fé em Javé. Nem todas as tribos estavam presentes.

b) O santuário central³

No santuário estava depositada a arca, símbolo da presença de Javé, Deus da aliança. Pelo fato de arca ser transportada para vários lugares, Noth propôs que o santuário central também havia se estabelecido em vários lugares: começando por Siquém (Js 24), depois mudou-se para Betel⁴; depois para a região urbana de Jericó, Guilgal (Js 3-4)⁵, e finalmente,

¹ Noth, Martin. *Historia de Israel*. Traducción revisada por el Prof. Dr. Juan AG. – Larraya. Ediciones Garriga, S.A. Barcelona, 1966.p. 93ss.

² Herrmann, Siegfried. *Historia de Israel en la época del Antiguo Testamento*. Tradujeron: Rafael Valesco Beteta, Manuel Olasagasti y Cenen Vidal. Ediciones Sigueme: Salamanca, 1985. p. 139.

³ Noth, M. *Historia de Israel. op. cit.* Págs 95-100.

⁴ Noth baseia-se em Gn 35,1-7 para afirmar que o culto do santuário de Siquém havia se corrompido, por isso, mudou-se para Siquém. Ver Noth, M. *Historia de Israel. op cit.*, p. 98.

⁵ Kraus, Hans –Joaquim, em *Vetus Testamentum*, Leiden, E.J. Brill, vol. I (1951), págs 184-185.

mudou-se para Siló, onde a arca teve um templo (I Sm 3,3; Jr 7,14; 26,9). Deveríamos analisar os centros religiosos citados por Noth, para observarmos se encontramos em tais a justificativa para um santuário comum. Em Guilgal, por exemplo, a etiologia das doze pedras supõe a anfictionia (Js 3-4). Mas somente com Saul é que Guilgal aparecerá como um lugar de reunião de tribos (I Sm 10,8; 11,14-15).

É questionável se num momento da história israelita tais santuários chegaram a ser um centro cultural das doze tribos⁶. Além disso, parece que existiam no antigo Israel vários santuários de importância supra-regional: Issacar e Zebulom freqüentavam o santuário Tabor (Dt 33,18-19, também mencionado mais tarde em Os 5,1); as tribos na Palestina Central se reuniam principalmente em Siló (I Sm 1,3; 3,1ss). Também Gilgal (Js 3-5; I Sm 11,15) e Berseba (I Sm 8,2; I Rs 19,3; Am 5,5; 8,15) parecem ter sido santuários importantes para as tribos.

c) O conselho anfictionico

Para Noth, os *nesiim* seriam os delegados nos conselhos da anfictionia⁷. Mas as únicas passagens que relaciona os *nesiim* num santuário são Ex 35,27-28 e Nm 7 (aqui os *nesiim* apresentam ofertas ao santuário, mas não são administradores). Também não desempenham nenhuma função na assembléia de Siquém, considerada, até então, o ato constitutivo da anfictionia.

d) O direito anfictionico

As tribos de Israel, segundo a tese de Noth, estavam submetidas a um “direito anfictionico”⁸, que encontra sua expressão no Código da Aliança (Ex 21-23), o mais antigo código legal em Israel. A lei divina era explicada e proclamada pelos “juizes” de Israel. Mas os estatutos mencionados em Siquém (Js 24,25), o possível centro religioso das tribos, não exerceram função a todas as tribos de Israel. E o fato de ser impossível a existência de um santuário comum, conforme mostramos acima, demonstra também a impossibilidade de uma proclamação do direito divino anfictionico comum a todas as tribos⁹.

e) A ação punitiva da anfictionica

Noth afirmou que o ajuntamento das tribos para punir Benjamim (Jz 19-21) é um fato que demonstra que um membro da anfictionia era punido caso descumprisse o direito anfictionico¹⁰. Mas o texto mencionado não dá margem para uma liga envolvendo doze tribos, mas somente menciona o conflito no contingente centro-palestinense, envolvendo a tribo de Efraim e seus vizinhos mais próximos¹¹.

⁶ Vaux, R. d. *Historia Antigua de Israel II. Asentamiento en Canaan y Período de los Jueces*. Ediciones Cristiandad. Madrid, 1975. p. 218-224.

⁷ Noth, M. *História de Israel. op. cit.*, págs 100-101.

⁸ Noth, M. *Historia de Israel. op. cit.*, págs 105-106. Confirma também uma discussão sobre isso em Metzger, Martín. *História de Israel*. Tradução de Nelson Kirst e Silvio Schneider. 4ª edição (re-impressão). Editora Sinodal: São Leopoldo, 1984. págs 38-46.

⁹ Donner, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. 1. Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 173. A tese de A. Alt sobre o direito apódico, enquanto um direito originalmente nômade, parece também questionar o direito divino anfictionico. Confirma Alt, Albrecht. *A Terra Prometida. Ensaio sobre a História do Povo de Israel*, São Leopoldo, Sinodal, 1987.

¹⁰ Noth, M. *Historia de Israel. op. cit.*, págs 106-108.

¹¹ Herrmann, Siegfried. *Historia de Israel en la época del antiguo testamento. op. cit.*, págs 164-166.

As doze tribos

Roland de Vaux propôs que devemos evitar falar de um “sistema das doze tribos”, pois temos que considerar que os textos bíblicos mencionam vários sistemas: genealogias (Gn 29-30, 35; Gn 49; Dt 33); sistema tribal (grupos autônomos – Nm 1,5-16; 13,4-15; Nm 1,20-43; 2,2-31; 7,10-88; 10,13-27; 26,5-51); listas territoriais (cada grupo possuindo seu próprio território – Js 13-19; Nm 34; Ez 48) e Listas Espúrias (listas tardias: uma que menciona as tribos que se reúnem em Hebrom para ungir Davi (I Cr 12, 25ss), e outra seria uma lista dos chefes das tribos debaixo de Davi (I Cr 27,16ss)¹².

A crítica literária advogou que as listas dos filhos de Jacó em Gn 29-30 e 35,16-20 correspondem a situação na época de Davi. Assim também o sistema territorial de Js 13-19 parece descrever uma situação tribal na época de Davi. Cita-se Judá e Simeão, que não são mencionados no antigo cântico de Débora (Jz 5). Além disso, Simeão não se integrou definitivamente em Judá senão nos tempos de Davi.

A erudição bíblica caracterizou a lista dos nomes dos filhos de Jacó em Gn 29-30 como a junção entre as “tribos de Lia” e as “tribos de Raquel”. M. Noth afirmou as tribos de Lia assentaram-se num período mais antigo na Palestina, e formaram uma primeira anfictionia com seis tribos. Eissfeldt defendeu que a lista genealógica dos filhos de Jacó é a junção de dois grupos originalmente distintos: um grupo de Jacó-Líá, ao sul da Palestina (Rubén, Simeão, Levi e Judá), e um grupo Jacó-Raquel, na Palestina Central e a oeste do Jordão, com a “casa de José”¹³. R. de Vaux propôs que o nome pessoal Israel-Jacó é a fusão de tradições referentes a dois antepassados distintos, e relaciona Israel com Raquel e Jacó com Lia¹⁴.

A tese de Noth sobre a anfictionia tribal deve ser questionada, como mostramos acima. Também as leituras de Vaux e de Eissfeldt é fruto de uma leitura que rejeita as afirmações bíblicas como históricas e realça que os documentos bíblicos é um conjunto de ideologias procedentes de tradições diferentes. Afirmamos, todavia, que o que sabemos, é que houve, de acordo com a Bíblia, grandes unidades no Israel antigo, que se organizavam socialmente no solo palestinese no fim do primeiro milênio a.C., e podemos chamar tais unidades de “tribos”¹⁵. Mas não houve uma anfictionia ou uma associação de doze tribos que antecedeu período monárquico. Eventualmente, mediante uma ação bélica, algumas tribos uniam-se para combater (Jz 4-5). Mas Juízes 1 retrata a conquista da Palestina com ações individuais de cada tribo.

A seguir, passaremos a pensar individualmente em cada uma das tribos. A partir de Juízes 1 e outros textos, tentaremos analisar as conquistas e histórias individuais das tribos.

A Divisão Tribal em Israel

II. Tribos Meridionais

¹² Vaux, R. d. *Historia Antigua de Israel. op. cit.*, p 229ss.

¹³ Vaux, R. d. *Historia de Israel. op. cit.*, 252-253. Citando O. Eissfeldt.

¹⁴ Vaux, R. d. *Historia de Israel. op. cit.*, p. 168ss.

¹⁵ Ainda para uma exposição que questione as afirmações de Vaux e Eissfeldt, conferir Douglas, J.D. O Novo Dicionário Bíblico. Vol III. Editor em português: Shedd, R.P. Edições Vida Nova, São Paulo. Verbete “Tribos de Israel”, p. 1630.

a) Simeão e Levi:

Num período primitivo, Simeão e Levi tentaram estabelecer-se nas montanhas da região de Siquém (Gn 34). Depois, Levi desintegrou-se em Israel, restringindo-se a funções sacerdotais (Js 13,33; cf Dt 33,9-11). Juízes 1 1ss descreve Simeão se instalando em Canaã com Judá, e parece que essas duas tribos já há tempo tinham uma história independente das outras tribos. Simeão também não se constitui como força tribal e desintegrou-se em Judá (Js 19,1-9; Gn 49, 5-7). O último texto é um oráculo profético que intenta fundamentar a decadência das duas tribos.

b) Judá:

Judá era a tribo estabelecida entre Jerusalém e Hebrom, sem, todavia, conquistar essas cidades (Jz 1,19; Js 15). O território judaíta sempre foi a região montanhosa da qual a tribo tem seu nome: *har Yehuda*¹⁶. Junto com Judá, estão outros grupos, que não pertenciam a Judá, e são associados a comunidade judaica. São eles: os calebitas, associação dos queneus (Nm 13-14; Js 14,6-15); os otnielitas, também uma associação de clãs queneus, ao redor de Dabir (Jz 1,11-15); os queneus, uma associação de clãs do sul e sudeste de Hebrom (Jz 1,16; I Sm 30,29); os jerameelitas, localizados ao sul de Judá, de origem enigmática (I Sm 27,10; 30,29). Com o decorrer do tempo, Judá conquistou a hegemonia sobre tais grupos.

1. As tribos da Palestina Central

a) A Casa de José

Noth acredita que a expressão “casa de José” remonta-se ao período anterior a ocupação da Palestina e designa uma associação de clãs (Manassés [Maquir], Efraim, Benjamim), que se assentaram na Cisjordânia Central¹⁷.

Em Juízes 1,22 lemos sobre “a casa de José”. José não é uma tribo, mas uma associação das tribos de Manassés e Efraim (Gn 41,50-52). Efraim e Manassés são filhos de José. O livro de Josué não estabelece limites precisos para elas: do sul para o norte, estendem-se até os montes cisjordânicos até a planície de Jezreel.

Manassés e Efraim não somente são mencionados na região montanhosa da Palestina Central, mas também na Transjordânia: Efraim, em Gilead (Jz 12,4); Manassés na região montanhosa ao norte do Jaboc (Js 1,12; 13,7,29-31; 22,1-34). Mas, segundo uma tradição mais antiga, também lá residia Maquir (Nm 32,39-42; Dt 3,15; Js 17,1). O Cântico de Débora não menciona Manassés, mas Maquir (Jz 5,14; cf Nm 32,39s; Js 17,1). Lemos em Nm 32,33 que a meia tribo de Manassés recebeu como herança o território da Transjordânia, junto com Rubén e Gad. No entanto, Nm 32,39 nos informa que Maquir e Jair é que conquistaram Galaad. Imagina-se que Maquir, na época de Débora, era um importante grupo assentado ao oeste do Jordão, e que Manassés ainda não existia como tribo. Ou ainda, “Manassés” e “Maquir” são duas associações que se dividiram de uma associação maior.

A meia tribo de Manassés (o Manassés Oriental) ocupou o norte de Gad, a leste do Jordão.

¹⁶ Donner, H. *História de Israel. op. cit.*, págs 156-157.

¹⁷ Noth, M. *História de Israel. op. cit.*, p.94.

b) Benjamim

O nome “Benjamim” (“filho da direita”) associa-se com inscrições de Mari, no Médio Eufrates, referindo-se a associações de nômades¹⁸. Há quem diga que Benjamim foi primitivamente uma associação de tais clãs. Era o menor território de Israel, no entanto, desempenhou um papel importante na história israelita, pois se localizava geograficamente num lugar onde intercambiava importantes vias de comunicação na Palestina. Jerusalém foi contada como uma das cidades de Benjamim (Jz 1,21; Js 18,28), mas somente será conquistada por Davi (II Sm 5,6-9).

É possível que por detrás de Js 1-10 circunda uma tradição benjamita, embora a tumba de Josué esteja em Tamnat-Sara sobre a montanha de Efraim (Js 24,30), o que levou Alt a advogar que Josué era efraimita, e só posteriormente, com a conquista de Guibeon em Js 10, é que Josué fora assimilado à tradição benjamita¹⁹. O fato é que, Josué ganhou importância para as tradições efraimitas, e todo o livro de Js 1-10 preocupa-se com as cidades cananéias que foram tomadas pelos efraimitas.

c) Gad e Ruben

Aparecem entre as tribos centrais da Transjordânia. Gad ocupou as montanhas ao leste do Jordão, desde o rio Arnon até o Jaboc. A tribo de Ruben era primitivamente importante, mas estava condenada a insignificância (Gn 49,3-4; cf Dt 33,6). Ruben foi incorporada posteriormente em Gad (Dt 33,20-21), e esta, estendeu-se entre o Jaboc e a extremidade setentrional do Mar Morto.

2. As Tribos do Norte

a) Dã

Jz 17-18 nos informa sobre a migração dos danitas. Segundo Noth, trata-se de uma tradição referente aos sacerdotes do santuário real estabelecido por Jeroboão I, que intenta ridicularizar o velho santuário tribal com seu sacerdote e ídolo próprio. Então, o relato torna-se importante para se analisar o levitismo e a situação religiosa na época tribal.

A expressão “Dã, por que vives em navios” (Jz 5,17)²⁰, pressupõe que Dã havia migrado ao norte e ali prestava serviço aos cananeus, tal qual Aser.

b) Issacar e Zebulom

As tribos Issacar e Zebulom formavam uma unidade, uma espécie de comunidade cúltica num santuário comum, talvez sobre o monte Tabor (Dt 33,18-19). Issacar viveu disperso entre as cidades cananéias, habitando como nômade, o que prejudicou sua autonomia (Gn 49,14-15) e levou a seu desaparecimento na história. O nome “Issacar” talvez nos ajuda nisso: *’ish sakar*, “bóia-fria, diarista, homem assalariado”. O que parece, Issacar teve uma história

¹⁸ Donner, H. *História de Israel. op. cit.*, 158.

¹⁹ Herrmann, S. *História de Israel, op. cit.*, págs 134-135. Citando Albrecht Alt. Ainda sobre o conceito de “sagas etiológicas” no livro de Js, ver também esta mesma obra de Herrmann, págs 136-137.

²⁰ Tem-se sugerido algumas interpretações para o termo *oniyyot*, “barcos”; alguns preferem substituí-lo por *neotaw*, “seus pastos”, outros, por *geayot*, “vales”. Confirma Vaux, R. d. *Historia Antigua de Israel II. op. cit.*, p. 283.

marcada pela opressão cananita. Ao contrário de Issacar, parece que Zebulom conquistou território, e obtinha benefícios do comércio marítimo no Mar Mediterrâneo (Gn 49,13).

c) Aser

Os lugares do assentamento de Aser situava-se ao norte de Zebulom, na Alta Galiléia (Js 19,24-31). Parece que Aser desfrutava da fertilidade agrícola ou comércio marítimo (Gn 49,20; Dt 33,24-25).

d) Naftali

Naftali localiza-se a noroeste do Lago de Tiberíades. O nome da tribo é derivado de uma designação geográfica (Js 20,7; Jz 4,6). Não se pode precisar historicamente a expansão geográfica de Naftali mencionada em Dt 33,23. Parece que ela se expandiu tanto para o oeste como para o sul.

II. Os Juízes em Israel

Tendo visto a história individual de cada tribo, passaremos agora a analisar os juízes do antigo período tribal. Os juízes viveram no período tribal, por isso, pensar sobre eles é importante para entendermos tal período.

A. título e função

A escola bíblica no século XX foi influenciada pelo pensamento de Alt, Noth e Kraus, que advogavam que os juízes eram proclamadores do direito causuístico copiado de Canaã (Alt); eram funcionários da anfictionia (Noth), oradores da lei e sucessores de Moisés (Kraus).

É muito discutido o sentido da palavra *shofetim* ~yjp.v, da raiz hebraica *shpt* jpX, “julgar”²¹. Noth afirmou que a palavra relaciona-se com a concepção jurídica, e chega a conclusão que os juízes menores exerceram uma função no sistema judiciário. Wolfgang Richter indicou que a raiz *shpt* não significa somente “julgar”, mas também “dominar, governar”, afirmando que, por causa disso, pode ser que os juízes menores eram instituídos pelos anciãos (tribais) para a administração e o exercício do direito sobre uma cidade e um distrito²². Juntando as informações, podemos dizer que os juízes exerceram a função de governadores, e sua atividade jurídica seria um aspecto da função desses.

Alguns concluíram que os juízes menores (Jz 10-12) foram a personificação de uns clãs, e negaram sua historicidade²³. Mas isso é apenas uma conjectura, longe de qualquer apoio desta pesquisa.

Os juízes menores são localizados nos seguintes territórios: Zebulom e Issacar, a montanha de Efraím, Galad, na Transjordânia. Eles estão situados em Jezarael, na Palestina Central.

B. A Lista dos Juízes

²¹ O termo aparece em Jz 2,16, e relaciona-se com Tola, Jair, Jefté, Ibsã, Elom, Abdom e Gedeão.

²² W. Richter, citado por Donner, H. *História de Israel. op. cit.*, p. 175.

²³ Burney, C.F. *The Book of Judges*. Londres, 1918, págs 289-290.

a) Otoniel (Jz 3,7-11)

O relato sobre Otoniel é de difícil compreensão: seria o mesmo Otoniel que conquistou Dabir (Js 15,16-19; Jz 1,12-15)? O nome do opressor também é discutido: Cusã-Rasataim, rei de Aram-Naaraim, da Alta Mesopotâmia. Alguns suspeitam que a palavra “Aram” (*'rm*) seria uma corrupção da palavra Edom (*'dm*). R. de Vaux acredita que os fatos ocorridos com Otoniel pertencem ao período do assentamento das tribos na Palestina, e não no período tribal²⁴. Bright propõe, no entanto, o início do século doze, pois identifica o período de Otoniel com a confusão que antecedeu a queda da Décima Nona Dinastia²⁵.

b) Eúde (Jz 3,12-30)

A história de Eúde é procedente das tradições benjamitas. A época de Eúde relata sobre a invasão dos moabitas, que ultrapassaram o Arnom e o Jordão, e estabeleceram residência na “cidade as Palmeiras” (Jericó). Tal invasão deve ser relacionada com o enfraquecimento da tribo de Ruben.

c) Sangar (Jz 3,31)

O v.31 é uma nota redacional ao livro de Juízes: está desconexo do contexto, pois, 4,1 liga-se a 3,30.

Seu nome é de origem hurrita ou semítico ocidental. A expressão *Ben Anat* tem sido interpretada como seu segundo nome. *Anat* é um nome de uma deusa cananéia, uma divindade guerreira. Mas é provável que a expressão identifique o personagem como habitante de Bet-Anat (Jz 1,33; Js 19,38). É provável que Sangar foi um príncipe cananeu que gozou de prestígio por grupos vizinhos israelitas, por causa de sua inimizade com os filisteus²⁶.

d) Débora e Barac (Jz 4-5)

A história de Débora e Barac é duplamente apresentada: primeiro numa prosa (cap. 4), depois num cântico (cap. 5)²⁷. A primeira parece ser a original e mais antiga.

As tribos de Naftali e Zebulom venceram Sísara de Haroset-Goim, a noroeste da planície de Jezrael. Parece que no centro dos dois capítulos encontra-se um conflito com reis cananeus, muito provavelmente reis de cidade, sendo que a coalizão Cananéia era comandada por Sísara²⁸.

O cântico de Débora demonstra a mobilização de seis tribos israelitas: Issacar, Zebulom; Efraim; Maquir e Benjamim. Judá e Simeão não são citadas. Parece que, a partir daí, pode-se concluir que o nome “Israel” teve sua germinação no Efraim meridional.

²⁴ Vaux, R. *Historia Antigua de Israel. op. cit.*, p. 306-308.

²⁵ Bright, J. *História de Israel. op. cit.*, págs 229-230.

²⁶ Donner, H. *História de Israel, op. cit.*, p. 186.

²⁷ Discute-se sobre a relação entre os dois textos: seriam originalmente duas tradições distintas e que foram justapostas, que tratam porém, dos mesmos acontecimentos? A questão está em aberto.

²⁸ Herrmann, Siegfried. *História de Israel en la época del Antiguo Testamento, op cit.*, págs 159-161.

e) Gideão (Jz 6-8)

Os nômades aproveitavam do fim do domínio egípcio na Palestina nos fins do primeiro milênio a.C para sugar os recursos dali. O texto de Jz 6,3-4a parece aludir as migrações de pastores nômades que, ao início da primavera, conduzem seus rebanhos às terras cultiváveis e destroem os campos dos sedentarizados. Os vrs 4b-5 parecem dar a entender saques rápidos com devastações súbitas.

A menção de camelos (v.5) tem levado alguns peritos a concluir que aqui temos o primeiro testemunho histórico da domesticação dos mesmos. A posse de camelos indicava a força desses nômades transjordânicos e a prova de que era muito difícil contê-los. Os madianitas escolhiam adentrar pelas montanhas, e não pelas cidades Cananéias. Preferiam as montanhas acessíveis por estrada, por exemplo, da tribo de Manassés, da qual conseguiam retirar-se rapidamente em caso de perigo²⁹.

A vitória de Gideão sobre os madianitas deu-lhe a oportunidade de tornar-se rei sobre Israel, conforme a proposta dos israelitas em Jz 8,22. Apesar do relato afirmar que Gideão rejeitou a tal proposta, alguns afirmam que Gideão aceitou a realeza, devido o nome dado a seu filho, “Abimelec”, “meu pai é rei”³⁰.

f) Jefté (Jz 10,6-12,6)

Jefté está entre os juizes menores, mas merece destaque no texto bíblico. Ele é chamado de *qâsîn*, “comandante” e *rôsh*, “chefe”, em Jz 11,11³¹. Somente no final do relato diz que ele “julgo a Israel”.

Parece que a história de Jefté refere-se a uma época em que o sacrifício humano era permitido em Israel, apesar de sua incompatibilidade com o javismo³².

g) Sansão (Jz 13-16)

O nome “Sansão” deriva-se da palavra *shemesh*, “sol”. Todas as batalhas de Sansão³³ foram entre a região montanhosa sudoeste da Judéia e a planície costeira. Seus inimigos eram os filisteus, os *seranim*, palavra que corresponde ao termo grego *tyrannoi*, “tiranos”. No tempo de Sansão, as relações entre os filisteus e israelitas ainda eram incertas. Os filisteus representavam uma grande ameaça aos israelitas: controlavam o suprimento de ferro, numa época em que esse material era de vital importância. Também, eram renomados artesões e cobravam altíssimos preços por seus produtos (I Rs 13,19).

III. A estrutura tribal

Tendo olhado a estruturação legal, religiosa e geográfica das tribos, e depois de alistarmos as tribos bem como os juizes do período tribal. Atentemos agora para a estruturação social das tribos de Israel.

²⁹ Donner, H. *História de Israel*, op. cit., p. 191.

³⁰ Beek, M.A. *História de Israel*. Trad. de Jorge E. M. Fortes. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1964. p. 45.

³¹ A expressão é “para chefe e para comandante” - !yciq'l.W varol , *Iro'sh vleqatsin*.

³² Bright, J. *História de Israel*. op. cit., p. 232.

³³ O. Eissfeld coloca tais incidentes no começo do período tribal, antes da migração de Dan para o norte. Mas isso é incerto. Confira Bright, J. *História de Israel*, op. cit., p.233 – nota de rodapé.

A erudição biblista tem adotado a perspectiva sociocientífica para estudar Israel como um fenômeno étnico emergido na Palestina no século XII como resultado de convulsões sociais dentro da própria Palestina. Essa abordagem sociocientífica, apesar de não ser crível em todos os aspectos, tem nos ajudado a entender o período tribal. Nessa perspectiva, perguntou-se se a monarquia seria uma inovação brusca fundamentalmente diferente da sociedade que a precedeu ou se deveria entendê-la como tendo emergido por processo natural daquela sociedade tribal. Deixemos essa questão para uma pesquisa posterior. Basta aqui observarmos algumas opiniões sobre o sistema tribal.

Alguns estudiosos, como **Joh Rogerson** (1978)³⁴, têm apontado para a impossibilidade de definirmos a palavra “tribo” (termos como *shebet* e *mishpahah*), pelo fato de que seja improvável que os próprios israelitas tivessem qualquer consciência quanto a sua própria estrutura social. **G.E Mendenhall**³⁵ preferiu uma abordagem sociológica das tribos de Israel em analogia às tribos romanas, como uma unidade administrativa dentro de uma “federação”. **C.H.J de Geus**³⁶ traduziu *mishpahah* por “clã”, e afirmou que o clã era a unidade mais importante em Israel, e a “tribo” era um termo muito mais vago, um agrupamento de clãs relacionados, sendo difícil fazer a diferenciação entre “tribo” e “clã”.

Um importante estudo foi feito por **Norman Gottwald** (1962)³⁷ sobre o sistema tribal, na perspectiva da “revolta dos camponeses” para explicar a emergência dos israelitas na Palestina. Para ele, num nível organizacional mais alto, está Israel, formado por uma “confederação” de tribos. Essa confederação segmenta-se em “tribos”; a tribo (*shevet / matteh*) seria um conjunto de associações familiares, agrupadas em “associações” de aldeia/vizinhança (para Gottwald, o termo também pode ser *mishpahoht*). Secundariamente está a *mishpahah*, que Gottwald traduz como “associação de proteção”, que seria um conjunto de famílias extensas morando no mesmo vilarejo. E numa terceira camada, estava a “família ampliada” (*bayith / beth'av*), uma unidade sócio-econômica residencial, que não se estendia mais de uma ou duas gerações, e englobava esposa, filhos e filhas não casados, ou todos os descendentes masculinos do chefe da família.

N. P Lemche³⁸ questionou a afirmação de Gottwald de que a *bet av* fosse constituída de cinquenta a cem pessoas. Para Lemche, a *bet av* poderia referir-se a variedade de grupos sociais, indo da família pequena até famílias extensas. Também, para ele, a *mishpahah* não era o fator mais importante em Israel, mas sim, a “família” é que tinha importância decisiva.

Tentaremos desenvolver a questão através de alguns textos bíblicos. O primeiro texto é Números 1. Lemos sobre o recenseamento da comunidade (*'adat*) de Israel, “segundo os clãs (*mishpphotam*), segundo as casas patriarcais (*beyt 'avotam*)” (v.2). A expressão “toda a comunidade de Israel” parece indicar as doze tribos, alistadas nos vrs 5-15. O número doze é simbólico; refere-se a comunidade como um todo. Essa comunidade, ou seja, as “doze” tribos, divide-se em “clãs”, e estes, por sua vez, divididos em “casas patriarcais”. Isso se elucida

³⁴ Martin, James D. “Israel como sociedade tribal”. In: *O Mundo do Antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*. Clements, R. E (org) São Paulo: Paulus, 1995. p. 98.

³⁵ Mendenhall, G. E. “The Hebrew Conquest of Palestine”. *The Biblical Archaeologist* 25, 66-87. 1962.

³⁶ Geus, C. J. de. *The Tribes of Israel* (Studia Sitica Neerlandica: 18), Van Gorcum, Amsterdam. Citado por Martin, op cit., p. 100.

³⁷ Gottwald, Norman. *As tribos de Jaweh – Uma Sociologia da Religião de Israel Libertos 1250-1050 a.C.*. Paulinas, 1986. págs 225 – 350.

³⁸ Lemche, N.P. *Early Israel. Anthropological and Historical Studies on the Israelite Society before the Monarchy*, E. J. Brill, Leiden. Citado por Martin, James D. “Israel como sociedade tribal”. op cit., p. 107.

melhor entre os vrs 20-43, onde percebemos que as tribos (*metteh*) foram recenseadas “segundo os seus clãs e segundo as casas patriarcais”.

O segundo texto que destacamos é Josué 7.16-18. Buscando o culpado pela derrota de Israel, isola-se primeiramente a “tribo” (*shevet*) de Judá; em seguida a “família” (*mishpahâ*) dos zeraítas; e finalmente, a “casa” (*bêt*) de Zabdi. Depois de examinar a casa de Zabdi, descobre que um dos seus netos, Acã, que por sua vez tinha vários filhos, era o culpado.

Assim, o seguinte esquema da estrutura tribal pode ser desenhado:

a) Tribos: formadas por vários clãs.

É uma estrutura organizativa. Desempenha um papel importante ao interior dos clãs, como por exemplo, estabelecer o equilíbrio quando a violência se desenvolve (Jz 19-21).

b) Clã

O objetivo do clã é regulamentar o relacionamento dos seus membros em relação à terra. Os clãs eram formados por famílias estendidas (*bet 'ab*, “casa paterna”). A *família* (*bet 'ab*). Era a “família grande” ou família estendida, formada pela descendência de um ancestral comum ao longo de três ou quatro gerações.

Conclusão

Nossa pesquisa limitou a dizer que é provável que no período tribal não tenha existido uma “liga” ou uma “anficionia” de doze tribos e procuramos fazer uma análise dos elementos constituintes da sociedade tribal (juízes e tribos). Havia grandes unidades em Israel, que batalhavam individualmente, e em ocasiões específicas, uniam-se. Tais tribos foram progressivamente unindo-se num ideal comum, até que se formou em Israel a monarquia. Mas antes disso, em um período antigo tribal, vimos que a característica marcante é a descentralização do poder e a individualidade das tribos.

Tal afirmação parece contradizer o livro de Josué, que apresenta uma conquista unitária de todo Israel, comandada por Josué. Por hora, somente analisamos os pressupostos de muitos estudiosos no que diz respeito ao período tribal, que questionam a veracidade do relato de Josué, afirmando que Juízes 1 é mais coerente com a história real. Embora assumimos a ótica da individualidade das tribos, não é nossa intenção questionar a veracidade do livro de Josué. Fica para uma próxima pesquisa nossa tentativa de harmonizar Josué 1-10 com Juízes 1.